

# MILITÂNCIA HOMOSSEXUAL NO BRASIL DA DITADURA MILITAR: OS CASOS DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN E JOÃO ANTÔNIO MASCARENHAS

## PIONEERS OF HOMOSEXUAL MILITANCY IN BRAZIL: THE CASES OF JOÃO SILVÉRIO TREVISAN AND JOÃO ANTÔNIO MASCARENHAS

Paulo Roberto Souto Maior Júnior \*  
Miguel Zioli \*\*

### Correspondência

Av. Princesa Isabel, 500, ap. 411-B.  
Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil. CEP: 90620-000.  
E-mails: [paulosoutom@gmail.com](mailto:paulosoutom@gmail.com) / [mzioli@uol.com.br](mailto:mzioli@uol.com.br)

### Resumo

Este texto parte dos depoimentos orais de João Silvério Trevisan e João Antônio Mascarenhas (1927-1998), membros da redação do *Lampião da Esquina* (1978-1981), jornal produzido e destinado ao público homossexual, objetivando compreender de que maneira esses dois sujeitos construíram percepções acerca do movimento homossexual. Para tanto, usamos como fonte, entrevistas, bem como textos que publicaram no *Lampião*.

**Palavras-chave:** militância homossexual; Jornal *Lampião da Esquina*; imprensa homossexual.

### Abstract

The text of the oral testimony by João Silverio Trevisan and João Antonio Mascarenhas (1927-1998), members of the wording of *Lampião da Esquina* (1978-1981), which is intended for public homosexual newspaper, aiming to understand how these two pioneers built perceptions of the homosexual movement. For this, we use as a source, interviews and texts published in *Lampião*.

**Keywords:** homosexual militancy; Jornal *Lampião da Esquina*; homosexual press.

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutorando em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

\*\* Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Historiógrafo da Fundação Energia e Saneamento em São Paulo.

A luta por direitos iguais e pelo fim do preconceito contra homossexuais tem ganhado adeptos em distintos campos da sociedade civil organizada. Nas universidades, no Congresso Nacional, no Poder Judiciário, em organizações não governamentais, na mídia impressa e digital, homens e mulheres têm contribuído para que os homossexuais conquistem direitos que lhes era negado até muito recentemente.

Em maio de 2011, em decisão memorável, o Supremo Tribunal Federal, ao julgar a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277 e a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 132, reconheceu a união estável entre casais do mesmo sexo. Muitos foram os militantes que, direta ou indiretamente contribuíram para que esse reconhecimento fosse possível.

Alguns desses militantes ganharam destaque por suas iniciativas ou por seus estudos e se transformaram em referência. Entre os muitos possíveis nomes a serem lembrados destacam-se, por exemplo, James Green<sup>1</sup> que vem publicando diversas obras cujo foco é a história das homossexualidades no Brasil; o antropólogo Luiz Mott<sup>2</sup> que fundou o Grupo Gay da Bahia (GGB), em 1980 e desde então construiu um histórico na luta pelos direitos homossexuais; Maria Berenice Dias,<sup>3</sup> jurista brasileira e uma das responsáveis pelo reconhecimento jurídico de famílias constituídas por homossexuais; André Fischer,<sup>4</sup> criador do Mix Brasil e do Festival Mix Brasil de Cinema e Vídeo da Diversidade Sexual; o deputado federal Jean Wyllys,<sup>5</sup> eleito em 2010 e reeleito em 2014 pelo Estado do Rio de Janeiro, por sua destacada atuação parlamentar em prol dos direitos humanos e em especial dos homossexuais e, *last but not least*, o escritor e teatrólogo João Silvério Trevisan que vem contribuindo,

---

<sup>1</sup> James Naylor Green é historiador e nasceu em 1951 na cidade de Baltimore, Estados Unidos. Dentre os seus principais trabalhos, destacam-se: *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000; organizou com Ronaldo Trindade o livro: *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005; em coautoria com Ronald Hipólito escreveu: *Frescos trópicos: Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. Escreveu: *Apesar de vocês: Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Mais recentemente organizou com Renan Quinalha o livro *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

<sup>2</sup> Luiz Roberto de Barros Mott nasceu em São Paulo, em 1946. Há décadas dedica-se a estudar as homossexualidades no Brasil. Dentre os seus principais trabalhos, destacam-se: *O sexo proibido – virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição*. Campinas: Papirus, 1988; *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo: Ícone, 1988; *Violação dos direitos humanos e assassinatos de homossexuais no Brasil*. Grupo Gay da Bahia: Salvador, 2000.

<sup>3</sup> Maria Berenice Dias, nasceu em Santiago, Rio Grande do Sul, em 1948. Em 2009 recebeu pelo Governo Federal o prêmio Direitos Humanos, na categoria: Garantia dos direitos da População LGBT. Dentre suas principais produções está: *União homo afetiva: o Preconceito & a Justiça*. São Paulo: Thomson Reuters Revista dos Tribunais, 2011.

<sup>4</sup> André Fischer, nasceu no Rio de Janeiro, mas boa parte da sua atividade em defesa das homossexualidades se deu em São Paulo, cidade onde reside atualmente. Entre 1996-2006, escreveu uma coluna com assuntos homossexuais para a *Revista da Folha* (suplemento da *Folha de São Paulo* que circulava aos domingos). Reuniu parte dos textos publicados na coluna e publicou no livro: *Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

<sup>5</sup> Jean Wyllys de Matos Santos, natural de Alagoinhas, Bahia, nasceu em 1974. É jornalista de formação e atualmente desenvolve atividades políticas sobre Gênero e Raça junto ao Congresso Nacional. Publicou um livro biográfico: *Ainda lembro*. São Paulo: Globo, 2006. Recentemente, lançou *Tempo bom, tempo ruim*. São Paulo: Paralela, 2014. Neste livro discute problemas sociais no Brasil como a homofobia e o racismo.

incansavelmente, com sua obra cinematográfica e literária, suas entrevistas e artigos, desde os anos 1960 para que os homossexuais adquirissem voz e reconhecimento social.

Entretanto, convém lembrar que se hoje temos pelo menos um deputado federal alguns vereadores, atores e escritores assumidamente homossexuais, até a década de 1970 era inimaginável conceber indivíduos tomando a palavra, construindo discursos e saindo às ruas para clamar pelo direito à igualdade, sobretudo aqueles referentes às homossexualidades.

A grande virada contra o que atualmente conhecemos por homofobia<sup>6</sup> ocorreu no transcorrer dos anos 1970 e teve em João Silvério Trevisan e João Antônio Mascarenhas (1927-1998) dois destacados militantes na luta travada pelos homossexuais em busca de reconhecimento social.

Em 1998, Claudio Roberto da Silva defendeu na Universidade de São Paulo a Dissertação intitulada *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. O trabalho é resultado de um conjunto de entrevistas feitas pelo autor com cerca de dezesseis depoentes<sup>7</sup> que militaram nos anos 1970-80 em prol das homossexualidades. Embora a dissertação tenha sido defendida em 1998, as entrevistas foram realizadas entre 1994 e 1995 e ao final, o autor anexou a íntegra das transcrições.

Dentre as entrevistas realizadas por Cláudio da Silva, optamos, nesse artigo, por destacar as de João Silvério Trevisan e de João Antônio Mascarenhas, dois dos fundadores do *Lampião da Esquina*, considerado o primeiro jornal a abordar com mais profundidade o tema das homossexualidades no Brasil. Esses dois autores são tidos como importantes personagens da fundação do movimento homossexual no Brasil.<sup>8</sup>

Nascido em Ribeirão Bonito (SP), em 26 de junho de 1944, o escritor e dramaturgo João Silvério Trevisan é, sem dúvida, um dos precursores do movimento homossexual no Brasil. Ele foi entrevistado em seu apartamento, em São Paulo, num sábado, 29 de janeiro de 1994 durante duas horas e quinze minutos.

---

<sup>6</sup> Recorremos as formulações sobre a homofobia pesquisadas por Daniel Borrilo que constata o primeiro uso do termo em 1971, nos Estados Unidos. Apenas nos anos 1990 aparecia em dicionários franceses. No caso brasileiro, nossas pesquisas apontam que a emergência desse termo teria se dado possivelmente no final da década de 1970, com a revista *Rose* (1978-1983). De acordo com Borrilo, a homofobia, dentre outras associações, pode ser pensada como “um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado, mas ela pode também assumir formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio (...)”. Para ver mais: BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.16.

<sup>7</sup> Silva apresenta os entrevistados na seguinte ordem: João Silvério Trevisan; João Antônio Mascarenhas; Peter Fry; Roberto Piva; Edward MacRae; James Naylor Green; Glauco Mattoso; Celso Curi; Luiz Mott; Antônio Carlos Moreira; Alceste Pinheiro; Dolores Rodriguez; João Carlos Rodrigues; Luiz Carlos Lacerda; José Fernando Bastos; Alexandre Ribondi.

<sup>8</sup> Esse destaque é atribuído por: FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 79-123, 2003. Há também o livro de: CÂMARA, Cristina. *Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

João Antônio Mascarenhas, natural de Pelotas, Rio Grande do Sul, nasceu em 24 de outubro de 1927. Formou-se em Direito e, em seguida, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde viveu até a sua morte em 1998. A entrevista, com duração de uma hora e vinte minutos, ocorreu em sua casa, no dia 24 de agosto de 1995.

O objetivo deste artigo é analisar as percepções desses dois importantes militantes sobre os primórdios da militância homossexual no Brasil do final dos anos 1970, tendo como base as mencionadas entrevistas.

## O contato com o movimento homossexual norte-americano

João Silvério Trevisan possui um longo histórico de luta pelo reconhecimento dos direitos homossexuais no Brasil. Além de incansável militante, é exímio pesquisador do tema e publicou, em 1986, o já considerado clássico *Devassos no Paraíso*,<sup>9</sup> obra na qual constrói uma história das homossexualidades no Brasil.

Trevisan iniciou seu depoimento falando de sua infância e juventude. Destacou a difícil relação com o pai, o carinho materno, lembrou de alguns casos de amizade intensa com colegas do Seminário Maior onde estudou e ressaltou a relação próxima que tinha com o pensamento político de esquerda, em especial o socialismo, em um momento de intenso embate ideológico.

Em 1964, com o golpe de estado que derrubou o presidente João Goulart, teve início um dos períodos mais obscuros da história política brasileira. Conforme o estado de direito ia sendo desfigurado, tornava-se cada vez mais arriscado, para aqueles que se opunham ao governo, não apenas manifestarem-se, mas continuar vivendo no Brasil.

Em 13 de dezembro de 1968, uma sexta-feira, foi promulgado o Ato Institucional número cinco, o conhecido AI-5 considerado o ponto de inflexão do regime na legalização da ditadura. A partir de então, oficializaram-se os mecanismos jurídicos que iriam garantir o estado de exceção.<sup>10</sup>

Com o fechamento do regime, muitos brasileiros sobretudo adversários políticos, líderes estudantis e sindicais foram exilados e como fizeram Caetano Emanuel Viana Teles Veloso, Gilberto Passos Gil Moreira e Francisco Buarque de Holanda, entre muitos outros, optaram pelo autoexílio.

Esse também foi o caso de João Silvério Trevisan que decidiu partir quando percebeu o perigo de permanecer no país. Segundo suas próprias palavras: “em 1973

---

<sup>9</sup> TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

<sup>10</sup> FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do silêncio: a história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula 1927-2005*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

não aguentei mais ficar no Brasil, com gente sendo presa, com a repressão brutal e fui embora em autoexílio”.<sup>11</sup>

Trevisan seguiu inicialmente para os Estados Unidos e se fixou em Berkeley. Depois permaneceu um período no México. Da sua experiência nos Estados Unidos, relatou:

Em Berkeley, tive meu primeiro contato com uma série de coisas importantíssimas, as quais vieram complementar as descobertas que já tinha feito. Lá descobri o movimento homossexual, descobri os anarquistas, o movimento feminista, o movimento negro, descobri ecologia... tudo isso em 1973. Berkeley era - acredito que não seja mais, parece que atualmente ela é uma cidade meramente universitária -, mas naquela época ela era uma ponta de lança ideológica contra o sistema americano: o *American Way of Life*. Uma espécie de caldeirão onde experiências novas, bem no bojo da década de setenta, estavam sendo trabalhadas.<sup>12</sup>

Trevisan narra suas experiências no exílio como decisivas para os mecanismos de resistência que operaria em defesa da homossexualidade. Foi em Berkeley que ele se aproximou, da luta dos homossexuais, dos negros, das feministas da segunda onda,<sup>13</sup> que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, estabelecendo como prerrogativas, o direito ao prazer e ao corpo, ao mesmo tempo em que contestavam o patriarcado. Esses importantes movimentos contestatórios que naquele momento ganhavam as ruas, mudariam sensivelmente a feição da sociedade norte-americana a partir de então.

A atração de Trevisan por esses temas justifica-se pela sua trajetória pessoal no Brasil, quando esteve próximo do grupo Ação Popular, uma organização política que resultara da ação militante da Juventude Universitária Católica.

Criada em 1962, a JUC tentava inicialmente fazer uma leitura humanista do socialismo e teve entre seus coordenadores iniciais o sociólogo Herbert José de Souza (1935-1997), o Betinho.

Ao longo da entrevista, Trevisan destaca que “sempre” foi de esquerda e que desde os tempos do Seminário procurou aproximar-se de ações políticas e do socialismo. Mas foi quando cursava Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que estabeleceu contato com a Ação Popular, embora procure esclarecer que, desde o início, sentiu-se desconfortável na AP e ficou “horrorizado com a piada que era aquilo”. O que o desagradou foi, sobretudo, o maoísmo do grupo, considerado por ele como sendo de fachada.

---

<sup>11</sup> SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998, p. 236.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 237.

<sup>13</sup> PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

De acordo com Trevisan, as experiências vividas no exílio foram importantes em sua formação política, sobretudo pelo contato com o movimento homossexual ao qual expressa gratidão: “Em Berkeley comecei a tomar consciência não apenas de ser o que eu era, mas de batalhar para poder ser o que eu era. Foi um momento muito revelador e particularmente privilegiado do movimento homossexual americano”<sup>14</sup>.

A experiência em Berkeley levou-o a refletir, não apenas sobre sua condição homossexual, mas também sobre a necessidade de “batalhar para poder ser quem era”. Conforme destacou a historiadora Rachel Soihet,<sup>15</sup> o estudo das experiências de exílios merece um destaque para dores, traumas, perdas e ganhos, mas também para as possibilidades de atuação política em virtude desse tipo de experiência.

Sobre o México, talvez em decorrência da proximidade entre as culturas mexicana e brasileira, diz ter se sentido em casa, pois “não precisava explicar o que era ternura. Na primeira semana arranjei um namorado e passávamos horas fazendo carinho um no outro”.<sup>16</sup>

Embora tenha trazido dos Estados Unidos as experiências mais instigantes para as ações militantes que empreenderia nos anos subsequentes e mesmo reconhecendo que o tempo que lá esteve “foi fundamental para ter uma vivência política da questão homossexual [pois] ... lá aprendi tudo”,<sup>17</sup> não deixa de criticar a afetividade dos norte-americanos, considerada por ele, em demasia, mecânica.

Isso talvez tenha ocorrido porque, como lembra Edward Said “o exilado vê as coisas tanto em termos do que deixou para trás como em termos do que de fato acontece aqui e agora (...). Cada cena ou situação no novo país aproxima-se necessariamente da sua contrapartida no país de origem”.<sup>18</sup>

Na entrevista, as relações de Trevisan com a esquerda brasileira nos anos 1960 aparecem de forma incidental, pois seu relato encaminha-se antes à experiência do exílio e às possibilidades de militância que conheceu em Berkeley.

Segundo Claudio Roberto Silva, o exílio aparece como uma fronteira dupla. No lado interno, há a modificação na subjetividade do indivíduo; externamente há as condições políticas que influenciam o deslocamento. Nesse processo o contato se dá igualmente com o inusitado montado no hiato que separa o que se passou, daquilo que está por vir. O exílio é intermediar-se, acostumar-se com a distância de parentes, amigos, hábitos culturais, trabalho, projetos e intermediar essas (in)certezas com um novo lugar, uma nova cultura, novos hábitos e costumes, intermediar estratégias de sobrevivência.<sup>19</sup>

---

<sup>14</sup> SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*, *Op. cit.*, p. 237.

<sup>15</sup> SOIHET, Rachel. Mulheres brasileiras no exílio e consciência de gênero. In.: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, p. 208-224, p. 209.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 243.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 243.

<sup>18</sup> SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 67.

<sup>19</sup> SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*, *Op. cit.*, p. 243.

Trevisan destaca que assim que pôde, decidiu retornar ao Brasil e em sua volta passou a criticar a esquerda porque, segundo ele, os militantes conferiam especial destaque à questão do proletariado esquecendo-se de debater outros temas.

No decorrer de 1976, tentou organizar um pequeno grupo constituído de homossexuais cujo objetivo era discutir sexualidade, afetos e desejos. Porém, a ideia não avançou e em poucas semanas o grupo, com cerca de dez pessoas, desfez-se porque os participantes ainda percebiam a sexualidade como uma prática anormal ou sentiam culpa por convicções ideológicas num clima de instabilidade política no país.

Enquanto Trevisan permaneceu auto exilado e em seu retorno trouxe experiências que norteariam sua conduta nas décadas subsequentes, João Antônio Mascarenhas permaneceu no Brasil e se instruiu por meio de um conjunto de publicações sobre homossexualidades. Um exemplo das obras lidas por Mascarenhas é o livro *Homosexual, oppression and liberation*, do acadêmico australiano, Dennis Patkin Altman, uma das obras que contribuíram para moldar o *gay liberation movements*.

Na entrevista, falando em voz baixa e reservada, como pontua Silva, destacou as experiências sexuais com homens e mulheres; lembrou-se do sentimento de culpa que o atingia quando se relacionava sexualmente com pessoas do mesmo sexo e sobre sua aparente abrupta decisão: “Um belo dia resolvi que era melhor ser exclusivamente homossexual”.<sup>20</sup>

Mesmo morando no Rio de Janeiro, costumava visitar e passar férias com os pais em Porto Alegre. Em 1972, além de visitar a família, Mascarenhas encontrou-se com um de seus amigos, o qual havia morado na Inglaterra. Foi esse amigo que lhe mostrou o *Gay Sunshine*, um jornal produzido em San Francisco, Califórnia e destinado aos homossexuais. Impressionou-se tanto que, ao final de suas férias, ao retornar ao Rio de Janeiro, providenciou uma assinatura do jornal:

Quando comecei a ler o jornal *Gay Sunshine* e conheci os principais jornais *gays* ingleses... passei a ler tudo o que podia sobre o tema. Assim, tomei conhecimento do movimento existente nesses países, do *Gay Liberation*, de *Stonewall*. Li um livro muito importante que se chamava *Homosexual, Opression and Liberation*... era a tese de Dennis Altman, professor da Universidade de Sydney, na Austrália. A partir de então, fiquei interessado no movimento homossexual, nos fundamentos que nunca tinha racionalizado antes... e fiquei a sonhar com o aparecimento do movimento no Brasil. Aquela época quase ninguém, no Brasil, falava, ou escrevia, sobre o assunto. As pessoas não sabiam nada do movimento, não sabiam nada de *Stonewall*... nem o antes e nem o depois.<sup>21</sup>

O *Gay Sunshine* permitiu que Mascarenhas descobrisse um mundo de leituras sobre temas relacionados à homossexualidade que ele não tinha até aquele momento e parece ter sido determinante em sua posterior militância.

---

<sup>20</sup> SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*, Op. cit., p. 261.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 266.

A influência do movimento ocorrido em Stonewall, mencionado no relato acima, tem sido percebida pelos historiadores como decisiva na constituição do movimento homossexual norte-americano. Trata-se de um embate ocorrido num bar frequentado por homossexuais na cidade de Nova York, o *Stonewall In*. Já madrugada do dia 28 de junho de 1969, a polícia chegou ao estabelecimento para, como tornara-se rotina, reprimir os frequentadores do local uma vez que, à época, a homossexualidade era ilegal em boa parte dos estados norte-americanos.<sup>22</sup> Entretanto, ao contrário do que geralmente ocorria, naquele dia, os homossexuais se rebelaram, enfrentaram e resistiram à força policial. Nos meses subsequentes, movimentos semelhantes ocorrem em outras cidades norte-americanas. É pelo ocorrido no *Stonewall In* em 1969, que o 28 de junho passou a ser conhecido como o dia da luta e do orgulho homossexual.

O fato de tanto Mascarenhas quanto Trevisan aludirem para a experiência com a literatura e vivência nos Estados Unidos aponta para dois movimentos. O primeiro é que acontecimentos que ocorriam naquele país foram fundamentais para sua militância. O segundo é a reivindicação de uma identidade homossexual caracterizada no combate ao preconceito.

Os relatos de Trevisan e de Mascarenhas apresentam em comum a afirmação positiva da homossexualidade, pois apesar da situação política e social adversa, cuja marca eram a repressão e o preconceito, ambos tiveram a ousadia e necessidade de se assumirem publicamente homossexuais.

Os dois relatos possibilitam perceber que o contato com o movimento homossexual norte-americano foi importante não apenas para a constituição subjetiva, mas também para a militância de ambos.

## O espaço de militância

Em meados da década de 1970, quando a ditadura chegava ao seu apogeu, o avanço tecnológico passava a permitir a produção de pequenos periódicos – denominados de “imprensa nanica” – caracterizada por ser uma produção caseira e em menor escala.

Esses pequenos jornais encontraram em assuntos polêmicos como psicanálise, drogas, corpo, feminismo, homossexualidade, vegetarianismo uma linha editorial que interessava cada vez mais o público. Polemizando, contestavam alguns dos valores morais mais caros à sociedade brasileira naquele momento.

Jornais, como *Verbo Encantado* na Bahia e *Bondinho* em São Paulo, lançados em 1970, e também *Presença* e *Flor do Mal* no Rio de Janeiro, ambos de 1971,

---

<sup>22</sup> SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

apareciam como “porta-voz” de novas falas, de grupos socialmente discriminados<sup>23</sup>. Eles permitiam que o discurso produzido por mulheres, negros, ambientalistas e homossexuais chegassem a grupos desejosos de visibilidade e que tentavam organizar movimentos que legitimassem suas presenças nas tramas socioculturais. Pode-se dizer que, simbolicamente, sua arma inicial foi a construção discursiva.

Alguns estudiosos, como o antropólogo Edward MacRae<sup>24</sup> costumam chamar este momento de “nova era”, ou seja, um período conhecido pela conquista de uma identidade reivindicatória para determinados grupos, como o movimento feminista dos anos 1960-70, ao questionarem os valores machistas da sociedade da época como, por exemplo, a questão da contracepção, do aborto, do prazer da mulher na relação sexual. Trata-se de uma contestação profunda, operada por esses grupos em oposição ao papel social tradicionalmente esperado das mulheres de dona de casa e de “rainha do lar”.

Naquele momento, as “minorias” buscavam alternativas para agir politicamente objetivando visibilidade social. Era preciso, portanto, lutar, assumir-se enquanto indivíduos pertencentes a determinados grupos sociais e os homossexuais entram nesse movimento contestatório, valendo-se também da publicação de jornais alternativos cujo objetivo era, dentre outros, realizar crítica política e cultural. A contestação cultural no campo das sexualidades deu-se igualmente com a construção e divulgação de uma nova cultura, a cultura gay, como forma de resistir em um Brasil socialmente conservador e patriarcal.

Em abril de 1978, começava a circular a edição experimental número zero do jornal *Lampião*, que já na sessão seguinte passou a se chamar *Lampião da Esquina*. A sede ficava no Rio de Janeiro, na avenida Conde dos Arcos, bairro da Lapa.

Da edição de número zero de *Lampião* participaram Adão Costa, jornalista e pintor, responsável pela tradução de textos do inglês para o português; Aguinaldo Silva, jornalista, com experiência na imprensa alternativa e autor de livros sobre assuntos policiais;<sup>25</sup> Clóvis Marques, jornalista, tradutor e importante crítico de cinema; Darcy Penteado, artista plástico e escritor, “foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais”;<sup>26</sup> Francisco Bittencourt, jornalista, escritor e

---

<sup>23</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

<sup>24</sup> MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: Identidade sexual e Política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

<sup>25</sup> Aguinaldo Silva, natural de Carpina, Pernambuco, atualmente é muito conhecido como autor de novelas. Dentre os seus sucessos, destacam-se: Roque Santeiro (1985), Vale Tudo (1988), Tieta (1989), Fera Ferida (1993), Senhora do Destino (2004).

<sup>26</sup> O conselho editorial. Saindo do Gueto. *Lampião da Esquina*, edição número zero, Rio de Janeiro, abril de 1978. p.2

crítico de arte, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção Brasil); Gasparino Damata,<sup>27</sup> jornalista, escritor “com passagens pela diplomacia”; Jean-Claude Bernadet,<sup>28</sup> crítico de cinema, professor com participação na imprensa alternativa; Antônio Chrysóstomo,<sup>29</sup> Peter Henry Fry,<sup>30</sup> professor, com doutorado na Inglaterra, onde lecionou na Universidade de Londres.

O editor-chefe era o jornalista Aguinaldo Silva, responsável pela sede do Rio de Janeiro. A sucursal paulista era responsabilidade de Trevisan que participou de todas as edições e Antônio Mascarenhas que permaneceu até a sétima edição.

O *Lampião da Esquina*, editado até 1981, teve importância significativa na construção de uma nova sensibilidade homossexual caracterizada notadamente pelo que viria a ser a primeira fase do movimento homossexual brasileiro.<sup>31</sup> Os textos publicados não traziam apenas notícias e opiniões sobre temas diversos a respeito dos homossexuais no Brasil e no mundo, mas esse foi um dos assuntos mais abordados.

Nos seus relatos, Trevisan e Mascarenhas destacam a importância do jornal para a constituição do movimento homossexual brasileiro. Segundo Antônio Mascarenhas:

No que se refere ao movimento homossexual, houve o seguinte... quem tinha vontade daquele movimento era eu... quem estava a par do movimento era eu. O João Silvério Trevisan era o único que tinha alguma noção além de mim. Ele havia morado nos Estados Unidos. O Trevisan possuía a ideia do *Gay Liberation*... que é uma atitude filosófica de contestação plena, completa e radical. Algo um pouco diferente da minha posição... nunca fui do *Gay Liberation*. Nesse meio tempo, já conhecia bem o *Gay Liberation* porque estava com uma bibliotecazinha sobre o assunto. Os outros nunca tinham ouvido falar em movimento, nem o Aguinaldo... o Darcy também não. (...).

Desde o início, já vi que o jornal nunca seria um órgão do movimento... por causa do papel predominante do Aguinaldo. Ele não sabia nada sobre o assunto, nem se importava com isso. Mesmo assim, achei que devia prestigiar o *Lampião*, pois parecia-me que era melhor ter este jornal do que não ter nada. Como tive interesse na

---

<sup>27</sup> Do mesmo modo que Aguinaldo, Gasparino Damatta era pernambucano de Catende, nascido em 1918. De infância humilde, precisou trabalhar para investir nos estudos. Em 1940, após concluir o atualmente Ensino Médio, transferiu-se para Recife em 1940. Sete anos depois seguiu para o Rio de Janeiro onde fixou residência, fazendo-se estudante de jornalismo e escrevendo para algumas revistas. Portanto, antes de ingressar no *Lampião*, tinha experiência no jornalismo. Ver: DAMATTA, Gasparino (Org). *Antologia da Lapa*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

<sup>28</sup> Nascido na Bélgica, Bernadet, veio para o Brasil com treze anos de idade. Fez a sua formação superior na França e no Brasil e, ainda muito jovem, começou a escrever críticas de cinema para o jornal *O Estado de São Paulo*. Apesar de escrever ficção, seus principais títulos são acadêmicos e versam sobre cinema.

<sup>29</sup> Antônio Chrysóstomo antes de trabalhar na imprensa alternativa passou por maiores veículos de comunicação nos anos 1970, a revista *Veja* e o jornal *O Globo*, por exemplo.

<sup>30</sup> O inglês Peter Fry veio para o Brasil em 1970 como convidado para lecionar na Universidade Estadual de Campinas. Sua área de pesquisa é a política, religiões africanas e línguas africanas. Atualmente, segue na vida como professor colaborador da UFRJ.

<sup>31</sup> GREEN, James. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, v. 14, n. 15, p. 271-295, 2000, p. 282.

vinda do Winston para cá - justamente com essa esperança - pelo menos algo tinha se realizado. Imaginava que o *Lampião* poderia agir como um catalisador.... o que acabou acontecendo! Os grupos começaram a surgir. (...).

O jornal *Lampião* ajudou na criação de vários grupos. Alguns deles tiveram existência muito efêmera..., mas ele ajudou! Pela primeira vez, apareceu um órgão de imprensa periódica... aparecia todos os meses e era realmente periódico. Havia pessoas que sabiam escrever, não eram debilóides, não estavam escrevendo pornografia... tratavam os assuntos com seriedade. Porém, sob a orientação do Aguinaldo, o jornal cada vez mais se afastava da minha ideia. Então, achei melhor dar minha cota ao Francisco Bittencourt. Pensei comigo: “- Bom! Não vou combater o jornal de maneira nenhuma! De qualquer forma, acho que ele é mais do que nada...mas vou me retirar”. Assim, saí do jornal. (...).

No trecho citado, Mascarenhas procurou enfatizar seu lugar de pioneiro do discurso do movimento homossexual brasileiro. Não é por outro motivo que, segundo sua versão, apenas ele e Trevisan possuíam conhecimento do movimento homossexual no exterior. Entretanto, é preciso relativizar sua fala.

O inglês Peter Fry, por exemplo, que também fazia parte do grupo de editores e tinha conhecimento do que ocorria. Formado em Antropologia, Fry chegou ao Brasil nos anos 1970 para trabalhar na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Estudava relações entre homossexualidade e candomblé e esteve nos Estados Unidos em 1974, onde conheceu os estudos gays no mundo acadêmico norte-americano. Mas, Fry era contrário à política de uma construção identitária que fixasse os sujeitos em determinadas categorias.<sup>32</sup> Além disso, os números do *Lampião da Esquina*, mesmo após o afastamento de Mascarenhas, mostram uma quantidade significativa de matérias referindo-se a questões do movimento homossexual o que indica conhecimento dos demais editores sobre a questão.<sup>33</sup>

O relato traz um incômodo com a atuação de Aguinaldo Silva, jornalista experiente que já havia trabalhado nas redações dos jornais *Última hora* e *O Globo*. A menção à insatisfação com Silva põe a nu as disputas de poder nas redações dos jornais, determinantes no rumo editorial de cada publicação.<sup>34</sup>

*Lampião da Esquina* passava a ser um veículo não apenas de divulgação de uma militância, mas de vários outros temas. Certamente o jornal levantou uma ban-

---

<sup>32</sup> SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*, *Op. cit.*, p. 284.

<sup>33</sup> Tomamos por referência : SOUTO MAIOR JR, Paulo Roberto. *Assumir-se ou não assumir-se? O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

<sup>34</sup> Isso significa dizer que pontos de vista se chocam e nessa disputa de opiniões algumas ganham o direito de constar na ordem do discurso. O local da emergência é constantemente um local de disputas e do choque de inúmeros argumentos que tentam sobressair-se um ao outro para ser uma interpretação válida do passado, ou é, conforme destacou Michel Foucault, “a entrada em cena das forças; é a sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro”. Ver: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010, p.24

deira política, mas não fez dela o único e principal ponto. Essas posições desagradaram a Mascarenhas que possivelmente lutava para estabelecer um discurso que tivesse como foco o movimento homossexual no Brasil. É possível que desejasse desencadear aqui um movimento similar ao ocorrido nos Estados Unidos.

É importante considerar ainda que no momento em que Mascarenhas decidiu conceder entrevista a Claudio Roberto Silva, sabia que naquele momento, seu nome já ocupava um lugar de destaque na história das homossexualidades no Brasil, pois fora procurado por um historiador, da Universidade de São Paulo (USP) interessado em construir uma história da militância homossexual no Brasil por meio de relatos orais e que, como entrevistado, teria acesso a uma transcrição prévia e que decidiria, ou não, torná-la pública.

Duas historicidades podem ser identificadas no relato de Mascarenhas. De um lado, a que rememora os caminhos de militância homossexual nos anos 1970, do outro o que é entrevistado em 1995 e seleciona suas memórias apoiado também no momento cultural e social à época da entrevista. A análise dos relatos orais precisa considerar o momento em que a entrevista é realizada porque a memória é também acionada por acontecimentos do presente, como lembram os trabalhos metodológicos sobre história oral.<sup>35</sup>

Em que presente reside o relato de Mascarenhas? É durante os anos 1980 que se intensifica a inserção do discurso homossexual na mídia. Uma das razões para isso foi a emergência da Aids e da ideia comumente difundida de que os homossexuais eram os transmissores da doença, que, à época, recebeu o pejorativo título de câncer gay.<sup>36</sup>

Os anos 1990, marcam outro momento para as homossexualidades. No primeiro lustro daquela década, um jornal produzido no Rio de Janeiro, o *Nós Por Exemplo* combatia a associação construída entre homossexuais e Aids com uma política de esclarecimento sobre a doença destinada ao público homossexual.<sup>37</sup>

No mesmo período, em 1993, surgia em São Paulo o Festival Mix Brasil, um conhecido evento de cinema com temática LGBT, marcado pelas diversidades sexuais e em 1994-95, uma nova revista voltada ao público homossexual e vendida em

---

<sup>35</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Memória e relato histórico. *CLIO: Série História do Nordeste* (UFPE), v. 23, p. 99-115, 2005.

<sup>36</sup> Referência a edição revista e ampliada de: TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 307.

<sup>37</sup> Para maiores informações, consulte: SOUTO MAIOR JR, Paulo Roberto. Tornar-se gay em tempos de Aids: as homossexualidades no jornal *Nós Por Exemplo* (1991-1995). *Historien*. Petrolina, ano 5, n. 10, p. 414-427, jan./jun. 2014.

todo o Brasil, a *Sui Generis*, buscava difundir um estilo de vida gay,<sup>38</sup> marcado, inclusive, pela formação e consolidação de um mercado homossexual.<sup>39</sup>

É nessa contemporaneidade que se situa o depoimento de Mascarenhas. Ele, afeito a publicações sobre o tema, certamente estava a par desses eventos e naquele momento sentiu-se instigado a enfatizar sua atuação no *Lampião da Esquina* como um dos possíveis pioneiros na abertura dos estreitos caminhos que permitiram aos homossexuais chegar aos anos 1990 gozando de uma visibilidade impensável apenas alguns anos antes.

Mas, sua entrevista também toca num ponto significativo na constituição do movimento homossexual ao registrar que após a publicação do jornal *Lampião da Esquina* vários grupos homossexuais foram criados e passaram a atuar. Esses grupos eram, em sua grande maioria, reuniam-se para discutir o que era a homossexualidade, desvinculando-a da ideia de anormalidade ainda presente, ao mesmo tempo em que discutiam estratégias de atuação política contra a discriminação.

Quanto a João Silvério Trevisan, permaneceu no *Lampião da Esquina* até sua derradeira edição e intensificou sua militância por meio dos textos que escrevia para jornais, pela sua atuação no grupo *Somos* de São Paulo e incidentalmente também pela sua produção literária que, embora não possa e nem deva ser rotulada de literatura gay, apresenta, sem dúvida, uma imagem positiva da homossexualidade.

Em seu relato sobre a militância como não poderia deixar de ser, destaca a importância do *Lampião*:

A ideia do *Lampião* era muito rica e pretensiosa, extraordinariamente inovadora para a época, porque não visava somente permitir aos homossexuais falarem pela própria voz, mas abrir um espaço para aquilo que a esquerda da época odiava: as chamadas lutas menores - sexualidade, racismo e ecologia. Os grandes problemas que nós tivemos, e que se agravaram até o ponto de destruir o movimento homossexual, estavam ligados à autonomia dessas questões "menores" frente à questão da luta de classes... questão fundamental para a esquerda ortodoxa, a esquerda dos partidos políticos e especialmente do PT que na época já havia emergido. (...).

A "luta maior" era a luta do proletariado que não podia sofrer nenhum tipo de ruptura... e nós estávamos ameaçando sua unidade. A nossa reflexão era a seguinte: "Se você é proletário ou não, sendo preto, você vai ser discriminado. Se você é proletário ou não, pobre ou não, você sendo mulher, você vai ser discriminada. É verdade que se você for pobre, mulher e preta, você vai ser ainda mais discriminada, porém existem muitas mulheres burguesas que apanham

<sup>38</sup> Essa revista construiu um estilo de vida gay usando como referências padrões multinacionais, vindos de países europeus e dos Estados Unidos. A *Sui Generis* foi um espaço de divulgação de diferentes maneiras de ser gay. Assim, na segunda metade dos anos 1990 as identidades gays estão distantes de uma homogeneização ainda que, em alguns momentos, ocorra uma tendência à padronização de comportamentos. Para ver mais: LIMA, Marcus Antônio Assis. Em busca da normalidade: *Sui Generis* e estilo de vida gay. *Gênero*. Niterói, v. 2, n.1, p. 109-128, jan./jun. 2001.

<sup>39</sup> FRANÇA, Isadora Lins. "Cada macaco no seu galho?": arranjos de poder, políticas identitárias e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, p. 103-115, 2006, p. 105.

do marido, ou seja, são problemas que ultrapassam a questão da classe. Deste modo, a luta de classes não pode ser uma varinha mágica que explique todas as questões da sociedade e ponto final". O nosso problema era esse: os problemas da sociedade moderna não se esgotam na questão da luta de classes. Com essa reflexão nós dizíamos que o movimento homossexual não tinha que se filiar ao movimento proletário: os homossexuais são donos da sua própria voz. Os que quisessem poderiam ser de esquerda, mas o nosso tratava-se de um movimento autônomo.<sup>40</sup>

Observamos com o relato acima a dificuldade enfrentada pelo recém-criado movimento homossexual diante da luta empreendida pela esquerda, focada na questão do proletariado. De acordo com Trevisan, os debates envolvendo as minorias eram pouco úteis na visão de parte da esquerda.

As feministas brasileiras do fim dos anos 1970 também realizaram essas críticas ao padrão de pensamento da esquerda que teria interiorizado a questão das lutas feministas. Esses argumentos eram defendidos por feministas como Maria Amélia Teles, Danda Prado, Maria Antonieta Macciochi dentre outras, para as quais “a revolução socialista ou comunista era uma revolução feita por homens, mesmo tendo a participação das mulheres, como auxiliares”.<sup>41</sup>

Na luta empreendida pelo movimento homossexual no final dos anos 1970, há duas referências colocadas por Trevisan que merecem destaque. A primeira delas é sobre o fato de *Lampião* aparecer como um espaço de militância particular posto que estava lá a “voz dos homossexuais” em uma escrita com força discursiva em primeira pessoa.

A segunda questão é a dupla resistência enfrentada pelo movimento homossexual, uma resistência que se dava diante da forma como os temas ligados às homossexualidades eram tratados e também a resistência diante do movimento de esquerda que dava pouca ou nenhuma importância aos temas das “minorias”.

Em uma mesa-redonda ocorrida na cidade de São Paulo no final dos anos 1970 e intitulada “As minorias sexuais” alguns intelectuais e militantes debateram o tema. Presentes à reunião o crítico de cinema Jean-Claude Bernadet, Inês Castilho, jornalista do *Nós, Mulheres*, Rachel Moreno, militante feminista, Edélcio Mostaço, ator e diretor teatral, o professor Cesar Augusto de Carvalho e João Silvério Trevisan.<sup>42</sup> Nessa mesa, Trevisan buscou associar o termo minorias com uma ação política ao dizer que entre as mulheres, os negros e os homossexuais há pontos diferentes e concluindo: [mas] “somos todos igualmente definidos como minoria porque nossos problemas, de um ponto de vista dogmático, são, na verdade, considerados politicamente irrelevantes”.<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*, *Op. cit.*, p. 246,247.

<sup>41</sup> ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias*: “não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013, p. 40.

<sup>42</sup> MANTEGA, Guido (Org). *Sexo e Poder*. São Paulo: Círculo do livro, 1979, p. 121.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 124

A edição de junho de 1978 do *Lampião da Esquina* trazia uma entrevista realizada por João Silvério Trevisan com Winston Leyland, editor, do *Gay Sunshine*, jornal vendido na maior parte dos Estados Unidos e com notícias de locais de sociabilidade, artigos teóricos, entrevistas com artistas famosos além de contos e poemas. Leyland, editor da publicação, era uma personagem importante do movimento homossexual norte-americano e por essa razão havia grande interesse em entrevistá-lo. Ao longo da entrevista, Leyland e Trevisan conversam sobre a questão da militância homossexual:

A opressão (velada ou não) da sociedade heterossexual muitas vezes gera um ódio surdo nos homossexuais. Você não acha que esse sentimento poderia evidenciar uma primeira tomada de consciência enquanto ser oprimido? (...).

A verdade é que certos heterossexuais – sobretudo entre os que se consideram politicamente progressistas - não acham necessário um movimento especial de liberação dos homossexuais. Isso não seria já em si uma forma de opressão aos homossexuais? (...)

Concordo que a atuação política deve acompanhar-se de um desenvolvimento individual. Tem muita gente que se afunda na militância política porque isso os ajuda a se distanciarem de si mesmos.<sup>44</sup>

Essa entrevista foi realizada possivelmente no ano anterior quando da visita de Leyland ao Brasil. A viagem teve o objetivo de reunir textos escritos por homossexuais que viraria um livro com escritos de autores gays na América. Dentre os canais aos quais foi oferecida a entrevista estavam a revista *Versus* que a recusou argumentando que “A entrevista pode criar problemas com o Cardeal-Arcebispo de São Paulo. (...). Além do mais, somos moralmente contra a matéria em questão”.<sup>45</sup> Quanto ao jornal *Beijo*, não a considerou prioritária para o jornal. Nesse sentido, pode-se entender a publicação da entrevista no *Lampião da Esquina* como mais um ato de resistência ao tocar em um tema considerado irrelevante ou ofensivo para outras publicações.

Ao longo da entrevista, Trevisan mostrou-se interessado tanto em saber sobre a constituição do movimento homossexual norte-americano, quanto à exposição da identidade homossexual e suas perguntas permitem perceber o desejo de que um movimento homossexual emergisse no Brasil.

O modo como, à época, Trevisan pensava essa questão demonstra que o emergente movimento percebia a organização da sociedade como prioritariamente heterossexual, conferindo privilégios aos heterossexuais e negando aos homossexuais. Assim, de acordo com Trevisan, seria difícil trazer os heterossexuais para o movimento homossexual. Ele indaga se essa sensação de desigualdade poderia significar um ponto de partida para uma movimentação política de defesa da homossexualidade. Leyland defende que era mais convidativo aos homossexuais unirem-se por

<sup>44</sup> TREVISAN, João Silvério. Uma entrevista que ninguém ousou publicar: Leyland fala sobre atuação política. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p.10,11, jun. de 1978.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

terem modos de vida semelhante, mas, ressalta não ser contra a participação de heterossexuais.

Em seguida, Trevisan esclarece o porquê da sua pergunta referir-se aos heterossexuais. Seria pelo fato de que, em sua opinião, esse grupo não considerar relevante um possível movimento homossexual. Essa visão parece de certo modo comum ao movimento homossexual da época porque baseava-se, em grande medida, em binarismos, opondo de um lado os homossexuais aos heterossexuais.<sup>46</sup>

Quando associa militância com a liberdade individual, Trevisan está destacando uma questão fundamental para o público homossexual daquela época, pois muitos não aceitavam sua própria homossexualidade, ao ainda perceberem-se como anormais ou pecadores.

Essa questão da liberdade individual aparece também nos poucos textos que Mascarenhas publicou no *Lampião da Esquina*. Certa vez, em entrevista que realizou com a atriz Norman Bengell (1935-2013)<sup>47</sup> destacou a importância de assumir a *etiqueta* (estava se referindo à homossexualidade) e lidar bem com isso, em vez de ter medo de ser visto como homossexual.

Mascarenhas preocupava-se com a publicização da identidade homossexual e sua relação com a constituição do movimento homossexual.<sup>48</sup> Para ele, uma das personagens que contribuía efetivamente na visibilidade da homossexualidade era a bicha pintosa, termo usado para se referir aos homossexuais com comportamento feminino. Escreveu um pequeno texto em defesa das “pintosas” afirmando a sua importância no movimento político daquela época:

1 – Julgo que não devemos dividir os homossexuais, a fim de nos enfraquecer, afigurasse-me imprescindível que as minorias oprimidas revelem eventuais divergências para empenharem-se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas dos preconceitos; (...);  
3 – Eles até merecem a minha simpatia, pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes e, também, o meu respeito por forçarem os que não querem ver a admitir a existência do homossexualismo e, ainda, merecem a minha admiração, por rebelarem-se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante. (...).

O sujeito pintoso agride, e agride porque se sente inseguro e, no fundo, tem um sentimento de culpa, porque interiorizou os valores machistas, e os interiorizou a tal ponto que passou a considerar que, por ser homossexual, precisa dar bandeira, mostrar a todos que constitui parte de um grupo anatemizado. O estigmatizado curva-se

---

<sup>46</sup> O movimento binário “heterossexualidade *versus* homossexualidade”, segundo o sociólogo Richard Miskolci, é característico do movimento homossexual por considerar a heterossexualidade como compulsória, regido por uma concepção de poder repressora e que levantava como bandeira política a defesa da homossexualidade. Ver: MISKOLCI, Richad. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

<sup>47</sup> MASCARENHAS, João Antônio. Norma Bengell (apaixonada, furiosa terna, indignada): Eu não quero morrer muda. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, p. 9, jul. de 1978.

<sup>48</sup> SOUTO MAIOR JR, Paulo Roberto. *Assumir-se ou não assumir-se?*, *Op. cit.*

ante o opressor e passa a julgar-se obrigado a usar a marca que o ferreteador escolheu para ele.<sup>49</sup>

O texto toca na questão da visibilidade da homossexualidade, sejam “efeminados” ou “discretos” e sobre a necessidade da união dos homossexuais de maneira firme e integrada a fim de combater diretamente o machismo e o preconceito.

O fragmento aqui transcrito permite refletir como as “pintosas”, ao executar uma performance de gênero, ou seja, vestir uma identidade e driblar os modelos socialmente construídos para o “ser homem”, põem em pauta a força política de colocar-se homossexual a partir do corpo, do comportamento, do modo como se vestem, sem precisar, em alguns casos, verbalizar quaisquer frases identitárias. Entretanto, o relato de Mascarenhas, ainda que destaque a força política dos homossexuais “pintosos”, mostra como a sociedade da época, inclusive parte dos homossexuais, como o próprio autor, liam esses sujeitos, como carregados de culpa pela homossexualidade motivo pelo qual agiriam com comportamentos femininos.

Mascarenhas e Trevisan, cada uma ao seu modo, foram capazes de enfrentar os discursos estabelecidos sobre a homossexualidade ao mesmo tempo em que procuraram formas de construir um novo discurso. Seus relatos estão carregados de intencionalidades que, mesmo distintas, convergem no sentido de destacar o lugar que ocuparam na emergência do movimento homossexual brasileiro.

O historiador Pablo Alejandro Pozzi,<sup>50</sup> ao estudar uma história do Partido Revolucionário dos Trabalhadores – Exército Revolucionário dos Trabalhadores (PRT-ERP), da Argentina entre as décadas de 1950 e 1970, cuja preocupação é analisar o processo de politização dos seus militantes, recorre a relatos orais e percebe que as entrevistas se dividem em dois grupos. Um deles naturaliza a militância, como um caminho natural da vida daqueles que entraram em contato por influências de amigos, leituras ou outros fatores. O outro grupo narra a militância como um acontecimento decisivo em suas vidas, um divisor de águas, algo que irrompe num determinado momento e modifica trajetórias contribuindo, como foi o caso, para a subjetividade dos indivíduos.

Talvez Trevisan e Mascarenhas, embora numa outra época, espaço e situação, assemelhem-se a esse segundo grupo porque relatam a militância como um acontecimento emblemático em suas vidas, modificando suas trajetórias, permitindo deslocamentos e lutando por um mundo melhor num momento em que a repressão procurava barrar novos modos de vida e formas de expressão de desejos.<sup>51</sup>

Lançar mão de entrevistas orais no estudo dos casos de militância em épocas de ditadura parece ser uma atividade profícua, uma vez que permite perceber versões

<sup>49</sup> MASCARENHAS, João Antônio. Sobre tigres de papel. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ago. de 1978, p. 9.

<sup>50</sup> POZZI, Pablo Alejandro. Memória e politização em testemunhos de operários militantes argentinos (1955-1976). In: LAVERDI, Robson et al. *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: EdUFPE; Florianópolis: EdUFSC, 2012, p. 69-79.

<sup>51</sup> GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs). *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

da história pouco ou não mencionadas em documentos impressos e, como afirma a filósofa Alejandra Oberti, “com estes elementos pode-se construir um contra relato – de fato, eu mesma o fiz em algumas ocasiões – absolutamente legítimo, que desestabilize as perspectivas hegemônicas do que é e foi a vida política e a resistência à ditadura”.<sup>52</sup>

Estudar os depoimentos de Mascarenhas e Trevisan lança luz sobre como foram gestadas ações que permitiram a emergência e a constituição de um discurso e de um movimento homossexual cujos frutos começam a ser colhidos com mais nitidez nesse início de século XXI.

Do *Lampião da Esquina*, que iluminou as ações de Trevisan e Mascarenhas até maio de 2011 quando o Supremo Tribunal Federal reconheceu a união estável entre casais do mesmo sexo, muitos foram os que, em distintos momentos, em condições adversas ou não, ousaram lutar para construir um discurso e dar visibilidade aos homossexuais. E, ainda que a homofobia e a violência estejam mais vivas do que nunca, esse reconhecimento só foi possível porque intelectuais como Trevisan e Mascarenhas tiveram a sensibilidade e a coragem e a competência para desafiar o *status quo*.<sup>53</sup>

João Antônio Mascarenhas faleceu em 1998 e Trevisan continua militando em defesa das homossexualidades.

*Artigo recebido em 22 de janeiro de 2016.*

*Aprovado em 21 de junho de 2016.*

---

<sup>52</sup> No original: “*con estos elementos se puede construir un contrarrelato – de hecho yo misma lo he hecho en algunas ocasiones – absolutamente legítimo, que desestabilice las perspectivas hegemónicas de lo que es y há sido la vida política y la resistencia a la ditadura*”. OBERTI, Alejandra. *¿Qué le hace el género a la memória?* In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*, *Op. cit.*, p. 14.

<sup>53</sup> Vários estudos tocam nessa questão. Dentre eles há o balanço anual feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) de mortes por homofobia no Brasil. Para mais informações, consultar: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>. Acesso em 20 abr. de 2015.